



## Maquiavel, a religião e a religiosidade de seu tempo: comentários sobre o *Libro Primo dos Discorsi*

LUÍS GUSTAVO MANDARANO<sup>1</sup>

### Introdução

Dentre as mentes mais importantes do XVI encontra-se Nicolau Maquiavel, autor que fez “tremar” o século com seu pensamento prático e objetivo, principalmente no tocante à política e à religião. Muito se discute sobre a relação entre seu ideário, seu entendimento da religião como um todo e sua apreensão da religiosidade de seu tempo, religiosidade esta muito mal compreendida quando analisada somente em sua camada superficial ou através dos manuais tradicionais. Bem diferente das maravilhas outrora tidas como “carros-chefe” do Quinhentos e Seiscentos europeus, hoje sabemos que, apesar dos DaVincis, Copérnicos e Galileus, os séculos XVI e XVII foram marcados por um profundo fervor religioso e por uma mentalidade obsidional<sup>2</sup> de absoluta natureza não científica ou empírica. Jean Delumeau afirma que essa época, marcada por tantas descobertas e conquistas, jamais teve, por assim dizer, o sentimento de que via despontar a aurora de um tempo novo. “Obsedada pela ideia fixa do declínio, do pecado e do Juízo, teve, ao contrário, a certeza de que era o ponto de chegada da história.” (DELUMEAU, 2011:323) É nesse mundo que nasce Niccolò di Bernardo Machiavelli; precisamente, na Florença de uma conturbada e dividida Itália, no ano de 1469, no alvorecer da primeira modernidade. É esse o universo onde o futuro secretário crescerá, formará seu caráter e suas ideias.

A relação peculiar entre Maquiavel, a religião cristã e a religiosidade de seu tempo como um todo<sup>3</sup> é um aspecto muitas vezes deixado de lado na multiplicidade de possibilidades abertas para do estudo de seu pensamento. Por ter tido escritos tão relevantes para a ciência política, dificilmente vemos essa relação emergir como um

---

<sup>1</sup> Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Segundo Jean Delumeau, essa mentalidade obsidional é a sensação constante de estarmos cercados ou ameaçados por um mal maior que nos vigia e nos persegue, esperando a primeira oportunidade para agir.

<sup>3</sup> Entende-se aqui religião como um conjunto de crenças e filosofias ligadas a uma instituição ou mesmo a um Estado e seguidas por uma grande massa de pessoas de acordo com seus ensinamentos, doutrinas e costumes; e religiosidade como a fé efetiva e a vivência devocional dessas crenças e filosofias dentro do universo cotidiano dos indivíduos e sociedades.

objeto de estudo central. Na contramão dessa tendência, destaca-se, por exemplo, o artigo “Religião e política no pensamento de Maquiavel”, de José Luiz Ames, onde, dialogando com clássicos que se aprofundaram na temática como *La Vita e le Scritti di Niccolò Machiavelli* de Oreste Tommasini e *La Religione di Machiavelli* de Alberto Tenenti, Ames chama atenção para o caráter civil, prático e ordenador do entendimento da religião em Maquiavel. Em diversos trechos de suas obras, o Secretário enaltece o papel da religião na Roma da Antiguidade destacando seu poder de ordenação da sociedade e atribuindo o fracasso das instituições italianas de seu tempo – inclusive a não unificação da Itália – à ideologia e à desordem impostas pela Igreja Cristã. Tais interpretações se alinham com as produções recentes de Giuseppe Marcocci, que também chamam atenção para essa clara simpatia e aparente predileção do Secretário pelas características da antiga religião pagã dos romanos. (MARCOCCI, 2008:41). Deve-se destacar ainda interpretações como aquela também recente de Maurizio Viroli, que, em seu *Machiavelli's God*, apresenta o pensador como um defensor de um cristianismo republicano e renovado, alguém que queria ver a Igreja Cristã retornar à simplicidade de seus ideais originais e cooperar para um movimento de redenção da Itália. (VIROLI, 2010:02)

Em vida, Maquiavel não conheceu problemas com a Igreja. Muito pelo contrário, frequentava o meio cristão, tinha amigos clérigos e viu, inclusive, *A Mandrágora*, sua principal peça teatral, ser apresentada na corte do papa Leão X – Giovanni di Medici. E Apesar das poucas fagulhas que se formavam contra seu nome já no fim da primeira metade do XVI – como a obra *Tratados da Nobreza Civil e Cristã* do Bispo Jerônimo Osório da Fonseca ou a *Apologia* do Cardeal Reginal Pole, que criticavam veementemente seus escritos –, é só a partir da segunda metade desse século que a pena dos intelectuais, principalmente aqueles ligados à Igreja Católica apontará de forma recorrente para o nome do Secretário, especialmente após a inclusão em 1559 de suas obras nos Índices de livros proibidos pela Igreja.

Destaque dessa inclusão, junto com os *Discorsi*, *O Príncipe* – sua obra mais conhecida e aclamada – foi escrito em 1513, quando Maquiavel tinha 44 anos, num contexto específico de reviravolta política na Florença onde vivia. O retorno dos Médici

ao poder o colocaria numa forma de exílio em que a maneira por ele encontrada para se livrar do tédio e para buscar seguir útil para sua cidade era ler os escritos dos autores do passado, principalmente aqueles da antiguidade clássica, e escrever teorias e conclusões baseadas em tais escritos e em sua experiência de quinze anos servindo a república de Florença. Essa vida de “intelectual” iniciada em 1513 seguiria, com intensas variações nos coeficientes de satisfação e reconhecimento, até 1527, ano de sua morte, quando havia recém concluído *História de Florença* justamente para os Médici, aqueles que o haviam outrora privado de seus cargos.

Buscar compreender o pensamento de um homem como Maquiavel não pode se resumir às interpretações e reinterpretações desses últimos quatorze anos de sua vida, muito menos às diferentes interpretações que *O Príncipe* recebeu através dos tempos. Foram quarenta e quatro anos antes da composição da obra, quatorze outros depois, e é um grande erro colocá-la como um absoluto catalisador na vida do Secretário, como se todos os seus atos antes da mesma apontassem para sua “inexorável” composição e como se todos os anos depois carregassem uma espécie de “ressaca”, como alguém que tivesse cumprido sua grande missão e aguardasse o fim da vida. Conhecer Maquiavel é buscar mapear seus cinquenta e oito anos de vida. Querer entender melhor seu gênio não é se perguntar: “Como Maquiavel pensava? Em que acreditava?” E sim nos perguntarmos: “Como, provavelmente, Maquiavel pensava aos 29 anos quando recebeu seu primeiro cargo público na república de Florença? Como, provavelmente, Maquiavel se sentia quando, solitário e desacreditado, escrevia *O Príncipe* no exílio em *Sant’Andrea*?” Durante o período completo de nossas vidas, nosso pensamento e nossa forma de entender o mundo mudam incessantemente através do tempo. Isto não pode ter sido diferente para um homem como Maquiavel.

### **Maquiavel, a religião e a religiosidade de seu tempo**

Buscando assim melhor organizar e compreender os elementos da relação entre Maquiavel, a religião e a religiosidade de seu tempo, este trabalho vem propor uma sistematização em quatro eixos de análise principais para a organização dos estudos sobre a temática. Um primeiro que aponta para como o Secretário entendia a religião

como um todo – e o subsequente elogio à antiga religião dos romanos; um segundo que mostra seu entendimento do cristianismo como a religião de seu povo e de seu tempo; um terceiro que destaca como Maquiavel vivia o cristianismo – a questão da sua própria religiosidade; e um quarto que busca dar conta das reações provocadas pela sua obra entre os intelectuais ligados à Igreja Católica e entre os próprios membros da instituição, na segunda metade do XVI. Num segundo momento, o trabalho buscará verificar trechos do Livro Primeiro de sua obra clássica *Discorsi sopra la Prima Deca di Tito Livio* que perpassem os eixos de análise propostos.

Para o primeiro deles, que trata do entendimento dado por Maquiavel à religião, o já citado artigo de José Luiz Ames, alinhado às impressões de Giuseppe Marcocci é bastante interessante. Ali o autor mineiro bem sintetiza o cerne do que o florentino nos deixou escrito sobre a religião ao afirmar que, para Maquiavel, o que conferia valor a uma religião não seria a importância de seu fundador, o conteúdo dos ensinamentos, a verdade dos dogmas ou a significação dos mistérios e ritos. Importaria, para ele, não a essência da religião e sim sua função e importância para a vida coletiva. A religião ensinaria a reconhecer e a respeitar as regras políticas a partir do mandamento religioso. Ames acrescenta ainda que, para Maquiavel, tal norma coletiva poderia assumir tanto o aspecto coercitivo exterior da disciplina militar ou da autoridade política quanto o caráter persuasivo interior da educação moral e cívica para a produção do consenso coletivo.(AMES, 2005:01) Esta é a mesma impressão que guardo dos escritos do florentino no que toca à religião. Está estampado principalmente nas páginas dos *Discorsi* a serem observadas por este trabalho.

Para o segundo eixo, que trata de seu entendimento sobre o cristianismo, é necessário fazermos um desmembramento: temos de um lado as asserções do pensador sobre o cristianismo como religião em si – com sua filosofia e seus ensinamentos fundamentais – e, de outro, suas asserções sobre o mesmo como religião dominante de seu contexto, a seu ver, inteiramente corrompida e desfigurada. Para ambos os casos, das próprias palavras do Secretário podemos enxergar direções. Sobre o espírito do cristianismo como religião, temos o Capítulo II do Livro Segundo dos *Discorsi*:

[...] Perché, avendoci la nostra religione mostro la verità e la vera via, ci fa stimare meno l'onore del mondo: onde i Gentili, stimandola assai, ed avendo posto in quello il sommo bene, erano nelle azioni loro più feroci. [...] La religione antica non beatificava se non uomini pieni di mondana gloria; come erano capitani di eserciti e principi di repubbliche. La nostra religione ha glorificato più gli uomini umili e contemplativi, che gli attivi. Ha dipoi posto il sommo bene nella umiltà, abiezione, e nel dispregio delle cose umane: quell'altra lo poneva nella grandezza dello animo, nella fortezza del corpo ed in tutte le altre cose atte a fare gli uomini fortissimi. E se la religione nostra richiede che tu abbi in te fortezza, vuole che tu sia atto a patire più che a fare una cosa forte. Questo modo di vivere, adunque, pare che abbi renduto il mondo debole, e datolo in preda agli uomini scelerati; i qualli sicuramente lo possono maneggiare veggendo come l'università degli uomini, per andarne in Paradiso, pensa più in sopportare le sue battiture che a vendicarle. (MACHIAVELLI, 2016:83)

Já sobre o Cristianismo como a religião de seu povo e de seu tempo, ele afirma no Capítulo XII do Livro Primeiro:

Né si può fare altra maggiore coniektura della declinazione d'essa (a religião), come a vedere come quelli popoli che sono più propinqui alla Chiesa romana, capo della religione nostra hanno meno religione. E chi considerasse i fondamenti suoi, e vedesse l'uso presente quanto è diverso da quelli, giudicherebbe essere propinquo, senza dubbio, o la rovina o il flagello. (MACHIAVELLI, 2016:26)

Sendo assim, percebemos que, ao lado da crítica aos prelados e demais homens ligados à Igreja em seu tempo, Maquiavel também criticava contundentemente o espírito do cristianismo, o que seria uma constante em seus escritos, não obstante considerasse a religião cristã boa em sua essência e remediável para se atingir os fins destacados no primeiro eixo de análise. Maquiavel defendia mais que qualquer outra coisa uma religião renovada e que se renovasse de tempos em tempos. Mas ainda que consideremos essa esperança do florentino para com o cristianismo, devemos considerar que é seu lado mais pragmático que defende a reforma da religião cristã (*la nostra religione*), visando acima de tudo a melhoramentos para seu povo e sua pátria.

Para o terceiro eixo, que busca compreender como Maquiavel vivia o cristianismo de seu tempo – a questão de sua própria religiosidade –, nos vemos impelidos a apresentar mais um desmembramento. Uma primeira forma de apreensão da religiosidade, que chamaremos “religiosidade superficial cotidiana”, aquela que diz respeito aos ritos e eventos sociais, às celebrações e a termos coloquiais ou expressões cotidianas ligados ao conjunto de elementos que formam as filosofias e crenças do

universo religioso<sup>4</sup>, dos quais Maquiavel certamente participava e fazia uso; e uma segunda, que chamaremos “religiosidade escatológica espiritual”, entendida como aquela que diz respeito à crença no poder sobrenatural dos elementos religiosos, como milagres, curas ou a proteção dos santos e entidades espirituais, tendo ainda em seu bojo o medo do fim dos tempos, dos castigos divinos e a crença no juízo final e nas beatitudes da vida *post-mortem*. Esta segunda forma de apreensão mostra-se quase nula nos escritos maquiavelianos e, numa análise superficial, o pensador parece não ter se servido a fundo de sua matéria. Maquiavel seria cristão – sobre isso não se põe dúvida – não por convicção espiritual, mas acima de tudo por ser esta a religião do seu tempo e de sua gente. Participava da mesma como membro de uma comunidade muito mais do que como crente convicto.

O quarto e último eixo, aquele que toca a reação de clérigos e intelectuais do meio religioso aos escritos de Maquiavel, tem sua fagulha na península itálica, mas vive seu auge na Ibéria, principalmente sob a pena dos jesuítas espanhóis que, na segunda metade do Quinhentos, viram em Maquiavel um grande inimigo a ser combatido e batido. Para alguns, uma “erva tão daninha quanto o próprio Lutero”. Antes dos Jesuítas, o já citado bispo português Jerônimo Osório da Fonseca escrevia com cólera contra Maquiavel seu *Tratado da Nobreza Cristã*:

Houve até um certo perverso escritor, homem ímpio que, nuns livros escritos em italiano (nos quais tratou não só da história da sua cidade, mas também de muitas questões concernentes à organização da república) cuidou que não lhe cumpria esconder quanto pensava sobre a santidade de nossa religião. [...] Escreve ele que a religião cristã arruinou por completo no Império Romano aquela magnanimidade que luzia nos Antigos, e é de parecer que deve imputar-se esta santíssima religião do Deus Sumo e eterno a destruição da honra e da glória, e até o aniquilamento do brio militar. [...] Deixaria o morto em paz se não fosse tão grande o mal que agora tem causado com os seus corruptíssimos escritos, quanto o foi o mal que outrora fez com uma vida a todos os títulos desprezível. Mas, quando vejo que os escritos desse defunto doestam tão indignamente a nobreza cristã, não hesito em, adargado no apoio de Cristo, bater-me com o homem celerado. O que farei, não pelo gosto da peleja, mas para por raia à loucura e pecado de quantos padecem de igual cegueira da mente. [...] Espalhou largamente esta moléstia e inficionou a muitos com a gravidade de um mortal contágio. Antes de mais, pergunto:

---

<sup>4</sup>Além dos eventos sociais como missas, cultos ou os encontros entre grupos de membros das igrejas, destaca-se nesse item termos coloquiais do dia-a-dia como: “pelo amor de Deus”, “por Deus” ou mesmo “vá para o inferno”, “o diabo que te carregue”, etc. Uma coleção de expressões que perderam, através do uso quotidiano, seu valor religioso, passando a existir como gírias, vocativos ou até expressões de raiva ou mesmo ódio.

que se viu entre os nossos que possa em alguma maneira reputar-se como desprezível? (FONSECA, 1996:200-201)

Esta obra é a primeira publicação a conter ataques diretos aos escritos maquiavelianos e apesar de datar de 1542 e de ser bem anterior ao ápice das críticas aos escritos do florentino, ela apresenta bem o tom que essas críticas ganharão na segunda metade do século.

### **O nascimento dos *Discorsi sopra la Prima Deca di Tito Livio***

Antes de nos debruçarmos efetivamente sobre os *Discorsi*, é fundamental recordarmos as circunstâncias nas quais a obra foi composta, principalmente no que diz respeito à realidade vivida por seu autor naquele exato momento. Apreendemos da biografia do indiscutível grande pensador Nicolau Maquiavel que é a aparente maior tragédia de sua vida pessoal, um fracasso, uma terrível inflexão para ele e para os seus, o que acaba por criar as condições para que a história, ainda que de uma forma um tanto às avessas, o fizesse bater forte nas portas de todos os tempos desde então, estando deveras presente ainda em nossos dias.

Num cenário europeu de intermináveis guerras, acordos e disputas, em agosto de 1512, as tropas espanholas de Ramón de Cardona entram na Toscana e aniquilam a infantaria florentina. Esta invasão leva, em 31 do mesmo mês, o gonfaloniere Piero Soderini a deixar Florença rumo ao exílio. Estão assim criadas as condições para o retorno da família Médici, ocorrido já em meados de setembro. Em 7 de novembro, Maquiavel perde seus cargos e em 10 do mesmo mês é enviado para o exílio, onde se põe a reler alguns de seus antigos escritos, reelaborá-los, fazendo dali efervescer as reflexões que o levariam principalmente a *O Príncipe* e aos *Discorsi*.

Com o passar dos anos e o exaurir das tentativas de retorno à vida pública, frente à total ausência de perspectivas, Maquiavel passa a se considerar, cada vez mais, um homem das letras. Passa a frequentar as reuniões de intelectuais chamadas *Orti Oricellari*, participa de constantes debates sobre os méritos do latim e do italiano como línguas literárias, além de fazer leituras e representações de peças teatrais. Pela primeira vez, o Secretário escrevia sem remetentes específicos. Suas ideias, assim, se mostram

menos camufladas ou dissimuladas. Talvez seja por isso que Quentin Skinner afirma, em seu *Maquiavel*, que os *Discorsi* seriam sua obra mais original. (SKINNER, 1988:64) O livro é dedicado a *Cosimo Rucellai*, idealizador dos *Orti Oricellari*.

O fio condutor da obra era descobrir e discutir o que havia tornado possível a posição dominante que Roma teria conseguido na Antiguidade. Outrossim, Maquiavel comparava tal sucesso com o fracasso da Florença de seu tempo e buscava formas para que, através daquelas lições, sua cidade saísse da situação em que se encontrava. Ele ainda refletiria sobre as causas da queda de Roma, visando principalmente a calcular o que não poderia se repetir. O então ex-secretário buscava em historiadores da Antiguidade, como Políbio, seu entendimento sobre as formas de funcionamento da história. Políbio acreditava num tipo de história cíclica, na qual os acontecimentos se repetiriam eternamente, mudando tempos e agentes, mas sempre com um mesmo “enredo”. Maquiavel compartilhava parcialmente de tal entendimento, valorizando sim as lições deixadas pelos grandes homens da história, por achar que representariam lições para nossa compreensão e tomada de decisões, mas rompendo com o historiador ao criar habilidosamente uma inversão de suas ideias quanto à finalidade da história: “ao invés de recontar uma estória que estimula os espíritos livres à imitação, ele espera estimular tais espíritos a evitar os abusos atuais e livrar-se deles.”(Maquiavel, 2000:126) E já maldizendo a religião de seu tempo, afirma:

Il che credo che nasca non tanto dalla debolezza nella quale la presente religione ha condotto il mondo, o da quel male che ha fatto a molte provincie e città Cristiane un ambizioso ozio, quanto dal non avere vera cognizione delle storie, por non trarne, leggendole, quel senso né gustare di loro quel sapore quel le hanno in sé. Donde nasce che infiniti che le leggono, pigliono piacere di udire quela varietà degli acidenti che in esse si contengono, senza pensare altrimenti di imitarle, iudicando la imitazione non solo difficile ma impossibile; come se il cielo, il sole, li elementi, li uomini, fussino variati di moto, di ordine e di potenza, da quello che gli erono antiqamente. (MACHIAVELLI, 2016:05)

As opiniões de Maquiavel no que tocava à Igreja e à Religião Cristã como um todo estão assim mais perceptíveis nessa obra. Como acima exposto, pela primeira vez, ele não escrevia para chamar a atenção dos poderosos. É, contudo, no Livro Primeiro, principalmente do Capítulo XI ao XV que o pensador escreve mais abertamente sobre a

religião italiana de seu tempo (*la nostra religione*) comparando-a à antiga religião pagã dos Romanos e sublinhando a importância da análise dessa última para entendermos o sucesso do passado e o fracasso do presente. Este trabalho se debruça essencialmente sobre os capítulos XI e XII, por enxergar-se ali tanto o elogio da religião dos Romanos quanto a crítica veemente ao Cristianismo.

### **Os Discorsi e a religião**

No Capítulo X do livro Primeiro, Maquiavel resume em uma frase a importância por ele percebida na religião para o bom funcionamento e a ordenação de uma cidade ou país: “*Intra tutti gli uomini laudati sono i laudatissimi quelli che sono stati capi e ordinatori delle religione.*”(MACHIAVELLI, 2016:21) E isso não porque seriam pios ou divinos, mas porque teriam colaborado decisivamente para a ordem, a união e a força de seu povos. É com esta visão que, já no início do Capítulo XI do Livro Primeiro, chamado “*Della religione de’ Romani*”, ele vem enaltecer Numa Pompílio, o fundador da religião dos Romanos:

Numa [...] trovando un popolo ferocissimo, e volendo ridurre nelle obedienze civili con le arti della pace, se volse alla religione, come cosa al tutto necessaria a volere mantenere una civiltà; e la costituì in modo, che più secoli non fu mai tanto temori di Dio quanto in quella republica; il che facilitò qualunque impresa che il senato o quelli grandi uomini romani disegnassero fare. E chi discorrerà infinite azioni, e del popolo di Roma tutto insieme, e di molti di Romani di per sé, vedrà come quelle cittadini temevano più assai rompere il giuramento che le leggi; come coloro che stimavano più la potenza di Dio che quella degli uomini. (MACHIAVELLI, 2016:23)

Maquiavel destaca que os romanos respeitavam seus juramentos mais que suas leis, devido ao medo que tinham de uma possível reação dos deuses. Eles acreditavam ser a fúria dos deuses muito pior que a de qualquer homem. Neste ponto de seu texto fica claro aquele primeiro eixo de análise proposto mais acima – aquele que destaca a sua compreensão sobre a religião em si. Está aí bem clara sua visão utilitária da religião; religião entendida, mormente, como instrumento de controle a ser utilizado pelo Estado. O trecho que segue ainda no mesmo capítulo é todavia mais enfático:

E vedesi, chi considera bene le istorie romane, quanto serviva la religione a comandare gli eserciti, a animare la Plebe, a mantenere gli uomini buoni, a fare vergognare i rei. Talché, se si avesse a disputare a quale principe Roma fusse più obligata, o a Romolo o a Numa, credo più tosto Numa otterrebbe il

primo grado: perché, dove è religione, facilmente si possono introdurre l'armi e dove sono l'armi e non religione, con difficoltà si può introdurre quella. E si vede che a Romolo, per ordinare il Senato, e per fare altri ordini civili e militari, non gli fu necessario dell'autorità di Dio; ma fu bene necessario a Numa, il quale simulò di avere domestichezza con una Ninfa, la quale lo consigliava di quello ch'egli avesse a consigliare il popolo: e tutto nasceva perché voleva mettere ordini nuovi ed inusitati in quella città, e dubitava che la sua autorità non bastasse.[...] E veramente, mai fu alcuno ordinatore di leggi straordinarie in uno popolo che non ricorresse a Dio; perché altrimenti non sarebbero accettate: perché sono molti i beni conosciuti da uno prudente, i quali non hanno in sé ragioni evidenti da poterli persuadere a altrui. Però gli uomini savi, che vogliono torre questa difficoltà, ricorrono a Dio.(MACHIAVELLI, 2016:24)

Maquiavel é assim incisivo na defesa da religião como instrumento de estado. Dirá que quanto mais conhecimento sobre a ciência natural das coisas tiver o governante, mais fácil ele inculcará as ideias que queira em seus governados, sempre visando mantê-los mais pacíficos, controlados e prontos a defender a pátria:

Debbono, adunque i principi d'una republica o d'uno regno, i fondamenti della religione che loro tengono, mantenergli; e fatto questo sarà loro facil cosa mantenere la loro republica religiosa, e, per conseguente buona e unita. E debbono, tutte le cose che nascono in favore di quella come che le giudicassono false, favorirle e accrescerle; e tanto più lo debbono fare quanto più prudenti sono, e quanto più conoscitori delle cose naturali. (MACHIAVELLI, 2016:25)

Ainda no Capítulo XI, seguem os elogios a Numa, mas agora com uma nova reflexão:

Maravigliando, adunque, il Popolo romano la bontà e la prudenza sua (de Numa), cedeva ad ogni sua diliberazione. Ben è vero che l'essere quelli tempi pieni di religione, e quegli uomini, con i quali egli aveva a travagliare, grossi, gli dettono facilità grande a conseguire i disegni suoi, potendo imprimere in loro facilmente qualunque nuova forma. E senza dubbio, chi volesse ne' presenti tempi fare una republica più facilità troverrebbe negli uomini montanari, dove non è alcuna civiltà, che in quelli che sono usi a vivere nelle cittadi, dove la civiltà è corrotta: ed uno scultore trarrà più facilmente una bella statua d'un marmo rozzo, che d'uno male abbozzato da altrui. (MACHIAVELLI, 2016:24)

Maquiavel entende assim que a simplicidade e o pouco conhecimento do povo romano ao tempo de Numa acabaram por facilitar a tarefa de governá-lo através dos preceitos da religião. Em um povo com mais recursos, ele acredita que a empreitada se mostraria mais difícil. Mas segue sua reflexão citando o exemplo de Savonarola em Florença. Diz que o povo florentino de seu tempo não poderia ser considerado ignorante ou grosseiro, mas que ainda assim acreditou que o frei conversava diretamente com Deus. Neste

momento do texto há uma inflexão das mais interessantes, que nutre um pouco aquele terceiro eixo de análise também exposto no início deste trabalho – o que trata da religiosidade do próprio Maquiavel e justamente no ponto onde encontramos menos indícios em seus textos: aquele da “religiosidade escatológica espiritual”. Ao refletir sobre se Savonarola falava ou não com Deus, o Secretário afirma:

[...] Io non voglio giudicare s'egli era vero o no, perché d'uno tanto uomo se ne debbe parlare con riverenza: ma io dico bene, che infiniti lo credevono sanza avere visto cosa nessuna straordinaria, da farlo loro credere; perché la vita sua la dottrina e il soggetto che prese, erano sufficienti a fargli prestare fede. (MACHIAVELLI, 2016:25)

Notemos que ele não coloca em dúvida a afirmação de Savonarola sobre falar com Deus. Apenas reitera o fato de isso não ser relevante frente ao indiscutível bem que teria feito a ele como governante o fato de as pessoas acreditarem que ele efetivamente falava com Deus “*sanza avere visto cosa nessuna straordinaria*”. Através dessa simples afirmação, podemos ter certeza de que Maquiavel poderia ser até um “incrédulo” - bem ao modo de Lucien Febvre -, mas ateu não poderia ser. Quando fala da relação de Numa com a suposta Ninfa com quem conversava, o florentino é bem menos cuidadoso, afirmando que *o governante “simulò di avere domestichezza con una Ninfa”*. Aqui não há dúvida sobre a farsa. É assim curioso notar a diferença de tratamento que ele dá a Numa e Savonarola, que talvez não o tenha convencido de que realmente falava com Deus, mas que, por outro lado, não o deixou ter a certeza do contrário.

Maquiavel afirma, já ao fim do capítulo, que a boa religião e o temor a Deus são bastante mais efetivos que um bom príncipe para a manutenção de um império ou de uma cidade. E as razões são simples: um príncipe durará poucas décadas enquanto o sentimento religioso pode durar milênios. Conclui o capítulo atribuindo por mais uma vez à religião estabelecida por Numa Pompílio a grande felicidade de Roma:

Considerato adunque tutto, conchiudo che la religione introdotta da Numa fu intra le prime cagioni della felicità di quella città: perché quella causò buoni ordini; i buoni ordini fanno buona fortuna; e dalla buona fortuna nacquero i felici successi delle imprese. E come la osservanza del culto divino è cagione della grandezza delle repubbliche, così il dispregio di quello è cagione della rovina d'esse. Perché, dove manca il timore di Dio, conviene o che quel regno rovini. (MACHIAVELLI, 2016:24)

Caminhando para o Capítulo XII, as análises sobre a religião começam a se voltar para a Igreja Cristã. O capítulo carrega por título: *“Di quanta importanza sia tenere conto della religione, e come la Italia, por esserne mancata mediante la Chiesa romana, é rovinata.* Ali, Maquiavel destaca que, durante os tempos em que imperava a religião dos pagãos, havia o constante medo das previsões e intervenções de oráculos. Com o tempo, quando estes começaram a tomar o partido dos poderosos e o engano ficou conhecido, *“[...] diventarono gli uomini increduli, ed atti a perturbare ogni ordine buono”.*(MACHIAVELLI, 2016:25) Para ele, se a religião tivesse se mantido nas repúblicas cristãs da forma como foi estabelecida por seu criador, os Estados teriam sido mais felizes. Mas não foi o que se deu:

La quale religione se ne' principi della republica cristiana si fusse mantenuta, secondo che dal datore d'essa ne fu ordinato, sarebbero gli stati e le republiche cristiane più unite, più felici assai, che le non sono. Né si può fare altra maggiore coniettura della declinazione d'essa, quanto è vedere come quelli popoli che sono più propinqui alla Chiesa romana, capo della religione nostra hanno meno religione. E chi considerasse i fondamenti suoi, e vedesse l'uso presente quanto è diverso da quelli, giudicherebbe essere propinquo, senza dubbio, o la rovina o il fragello. (MACHIAVELLI, 2016:26)

Partimos então agora para uma descrição do que, segundo Maquiavel, o impedia de enxergar quaisquer perspectivas de paz ou felicidade onde se encontrassem os mandos da Igreja Cristã:

E perché molti sono d'opinione, che il bene essere delle città d'Italia nasca dalla Chiesa romana, voglio, contro a essa, discorrere quelle ragioni che mi occorrono: e ne allegherò due potentissime ragioni le quali, secondo me, non hanno repugnanza. La prima è, che, per gli esempli rei di quella corte, questa provincia ha perduto ogni divozione e ogni religione: il che si tira dietro infiniti inconvenienti e infiniti disordini; perché, così come dove è religione si presuppone ogni bene, così, dove quella manca, si presuppone il contrario. Abbiamo, adunque, con la Chiesa e con i preti noi Italiani questo primo obbligo, di essere diventati senza religione e cattivi: ma ne abbiamo ancora uno maggiore, il quale è la seconda cagione della rovina nostra. Questo è che la Chiesa ha tenuto e tiene questa provincia divisa. E veramente, alcuna provincia non fu mai unita o felice, se la non viene tutta alla ubbidienza d'una republica o d'uno principe, come è avvenuto alla Francia ed alla Spagna. (MACHIAVELLI, 2016:26)

Percebemos que no trecho acima é o nosso segundo eixo de análise – aquele que mostra o entendimento de Maquiavel sobre o Cristianismo como a religião de seu povo e de seu tempo – que vemos emergir. Uma vez entendido o teor das ideias referentes ao primeiro

eixo – quando Maquiavel explicita sua compreensão da religião como importante matéria de estado – é natural que suas críticas à Igreja Cristã sejam duríssimas e que, frente à desordem e ao desgoverno presentes na Itália de seu tempo, ele não tinha dúvida de que a Igreja havia há muito fracassado. Segundo sua percepção, somente um país com todas as suas províncias governadas pelo mesmo príncipe, escorado numa religião estimada e respeitada, poderia conhecer a felicidade, o que não ocorria na Itália. De nosso primeiro eixo, da necessidade de uma boa religião para o estado, vemos a passagem para o segundo e as fortes palavras contra a Igreja Romana que, para ele, teria tomado gosto pelo poder temporal, mas que, não tendo força para ela mesma promover a unificação do país, também não permitia que alguém a fizesse:

E la cagione che la Italia non sia in quel medesimo termine, né abbia anch'ella o una republica o uno principe che la governi, è solamente la Chiesa: perché, avendovi quella abitato e tenuto imperio temporale, non è stata sì potente né di tanta virtù che l'abbia potuto occupare la tirannide d'Italia e farsene principe; e non è stata, dall'altra parte, sì debole, che, per paura di non perdere il dominio delle sue cose temporali, la non abbia potuto convocare uno potente che la difenda contro a quello che in Italia fusse diventato troppo potente. [...] Non essendo, adunque, stata la Chiesa potente da potere occupare la Italia, né avendo permesso che un altro la occupi, è stata cagione che la non è potuta venire sotto uno capo; ma è stata sotto più principi e signori, da' quali è nata tanta disunione e tanta debolezza, che la si è condotta a essere stata preda, non solamente de' barbari potenti, ma di qualunque l'assalta.(MACHIAVELLI, 2016:26)

É bem verdade que os tempos de Maquiavel são marcados por constantes críticas à Igreja e aos sacerdotes cristãos. Sua desonestidade e ganância são sempre postas à mostra, mesmo por homens igualmente envolvidos com a Igreja. O que Maquiavel faz nesse momento é, todavia, um pouco mais profundo do que a maior parte das críticas dos homens de seu tempo. Na citação acima apresentada, ele é veemente ao atacar a Igreja Romana e em culpá-la pela desordem na Itália e por sua não unificação. Além disso, ele atacava aspectos fundamentais do cristianismo como a abnegação e o perdão. Críticas que ultrapassam aquelas que se referem somente ao abuso de poder e à corrupção. Seus ataques eram estruturais e não demoraria para que os homens da Inquisição no calor da Reforma Católica descobrissem seus escritos. E se em *Príncipe* já podíamos encontrar indícios sobre seus verdadeiros sentimentos para com a

Igreja Romana, as citações retiradas dos *Discorsi* dispensam-nos de quaisquer dúvidas sobre suas opiniões a esse respeito. Com ironia, chegamos ao fim do Capítulo XII:

E chi ne volesse per esperienza certa vedere più pronta la verità, bisognerebbe che fusse di tanta potenza che mandasse ad abitare la corte romana, con l'autorità che l'ha in Italia, in le terre de' Svizzeri; i quali oggi sono, solo, popoli che vivono, e quanto alla religione e quanto agli ordini militari, secondo gli antichi: e vedrebbe che in poco tempo farebbero più disordine in quella provincia i rei costumi di quella corte, che qualunque altro accidente che in qualunque tempo vi potesse surgere. (MACHIAVELLI, 2016:26)

### Considerações finais

Este estudo buscou apresentar, através de uma nova perspectiva de sistematização, uma proposta metodológica para um melhor entendimento das questões que envolvem a complicada relação entre Maquiavel, seus escritos e a religião – seja ela a religião em si, em qualquer tempo ou espaço, ou a religião e a religiosidade específicas de seu tempo e de seu povo. Através de quatro eixos de análise, juntamente com uma cuidadosa contextualização dos eventos e diferentes momentos vividos pelo Secretário, buscou-se propor uma ferramenta para uma compreensão mais sólida e organizada de como se deram seus tramites com a questão religiosa.

Em um segundo momento, o trabalho buscou aplicar o método a um trecho de um texto clássico do autor: os capítulos XI e XII do *Libro Primo* dos *Discorsi sopra la Prima Deca di Tito Livio*. Os resultados parecem satisfatórios. Apesar de a obra, e principalmente o trecho escolhido, acabarem por apresentar asserções que serviram muito mais ao primeiro e segundo eixos de análise propostos pelo estudo, é natural pensarmos que esse será um problema recorrente até podermos apresentar em um só trabalho um volume mais extenso de obras analisadas.

Lembramos, por fim, que análises descontextualizadas geram, entre diversos problemas, o risco da objetivação, um mal encontrado em inúmeros exames das obras de Maquiavel. De uma ideia pré-estabelecida, busca-se a todo custo destacar ou omitir trechos isolados dos escritos do florentino ao sabor daquilo que se quer comprovar. A proposta metodológica aqui exposta busca fazer com que a organização e estrita

contextualização dos escritos maquiavelianos referentes à questão religiosa nos ajudem a perceber de forma mais apropriada os indícios efetivamente deixados pelo florentino sobre o que realmente pensava sobre a religião e sobre como vivia e interpretava a religiosidade de seu tempo.

### **Referências Bibliográficas**

AMES, José Luiz. Religião e política no pensamento de Maquiavel. In: **Revista Kriterion**, vol.47. Belo Horizonte, n.113, June 2006.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FEBVRE, Lucien. **O Problema da Incredulidade no Século XVI: A Religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GRAZIA, Sebastian. **Maquiavel no Inferno**. 2ª ed. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHIAVELLI, Niccolò. **Discorsi sopra la Prima Deca di Tito Livio**. (Texto original em língua italiana) San Bernardino: Bi Classici, 2016.

\_\_\_\_\_. **Discourses on Livy**. Trad. Julia Conway Bondanella e Peter Bondanella. New York: Oxford University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **Il Principe**. 20ª Edição. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2014.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio**. Tradução de Sérgio Bath. Editora UNB: Brasília 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.

MAQUIAVELO, Nicolás. **La Mandrágora**. Estudio preliminar, traducción y notas de Helena Puigménech. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.

MARCOCCI, Giuseppe. Machiavelli, la Religione dei Romani e l'Impero Portoghese. *Storica*, Firenze, nn. 41-42, Ottobre 2008.

RIDOLFI, Roberto. **Biografia de Nicolau Maquiavel**. Trad. Nelson Canabarro. São Paulo: Musa, 2003.

SICES, David; ATKINSON, James B. **The Comedies of Machiavelli** (Bilingual Edition). Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2007.

SKINNER, Quentin. **Maquiavel**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

TENENTI, Alberto. **La religione di Machiavelli**. Roma: Studi Storici, 1969.

TOMMASINI, Oreste. **La vita e gli scritti di Niccolò Machiavelli**: nela loro relazione col machiavellismo. Volume 2. Roma: Ermanno Loescher & C, 1911.

VIROLI, Maurizio. **Machiavelli's God**. Princeton: Princeton University Press, 2010.